

O USO DA ENTREVISTA ETNOGRÁFICA EM EDUCAÇÃO FÍSICA E SAÚDE: uma experiência de pesquisa com povos indígenas da Amazônia colombiana

*Edwin Alexander Canon Buitrago
Alex Branco Fraga*

Introdução

Este texto tem por objetivo apresentar uma reflexão sobre as possibilidades de uso da entrevista etnográfica em pesquisas qualitativas para o desenvolvimento de estudos sobre práticas corporais no campo da saúde. Tomamos como ponto central a experiência adquirida por Edwin Canon Buitrago no desenvolvimento do seu trabalho de campo, durante os meses de fevereiro e abril de 2014, em pesquisa que deu origem à dissertação de mestrado intitulada *naĩãweẽ i nucuma'ũ: jogos autóctones Ticunas na perspectiva dos povos indígenas da região Amazônica Colombiana*. (BUITRAGO, 2015)

Esta pesquisa de mestrado descritiva com uma abordagem teórico-metodológica qualitativa foi realizada em três momentos: o primeiro, constituído por uma revisão

sistemática na produção do estado da arte do termo jogo no campo da Educação Física e a construção conceitual do autóctone no campo da antropologia; o segundo, uma descrição do contexto no qual se desenvolveu a pesquisa; e o terceiro relacionado à trilha metodológica traçada para o desenvolvimento da investigação. A parte empírica do estudo foi desenvolvida em uma comunidade indígena localizada no departamento¹ de Amazonas – (Colômbia), entre os meses de fevereiro e abril de 2014, e contou com dezesseis participantes locais escolhidos dentre aqueles que se encontravam posicionados por esta mesma comunidade no lugar de quem possuía certo tipo de conhecimento sobre a cultura local. A pesquisa teve por objetivo compreender a especificidade dos jogos autóctones indígenas a partir dos significados atribuídos pelos povos indígenas amazônicos às manifestações corporais próprias do povo Ticuna.

Este texto se encontra subdividido em quatro seções. Na seção denominada “Constructos teóricos da entrevista etnográfica”, realizamos uma abordagem teórico-conceitual acerca da entrevista etnográfica com o objetivo de situá-la como uma perspectiva metodológica para pesquisas no campo das práticas corporais e saúde. Na segunda seção, denominada “Do descobrimento à prática: procedimentos metodológicos da entrevista etnográfica”, descrevemos os diversos percursos, percalços e decisões tomadas no transcorrer da experiência investigativa, especialmente no que se refere à escolha da entrevista etnográfica como técnica de produção das informações a partir de dois elementos específicos: a construção conceitual relacionada à entrevista etnográfica e o empírico produzido no local

¹ Enquanto o Brasil se encontra dividido política e administrativamente em 27 Unidades Federativas (26 estados e o distrito federal) autônomas, a Colômbia está dividida em 32 Departamentos e um (1) distrito capital com governo local e prefeito. Cada Departamento é subdividido em municípios, que por sua vez são divididos em *corregimientos* (divisões territoriais menores, que no Brasil correspondem a distritos).

em relação às práticas culturais e de saúde. Na terceira seção, “Discutindo e implementando”, desenvolvemos uma discussão sobre as diversas possibilidades que este tipo de metodologia propicia para o trabalho em pesquisas no campo da saúde. Nos “Comentários finais” demarcamos a ampla potencialidade que a entrevista etnográfica pode vir a ter em pesquisas nas áreas da Educação Física em relação com o campo da saúde, ampliando assim os horizontes metodológicos para a compreensão dos estudos fenomenológicos desde algumas perspectivas sociais e culturais.

Constructos teóricos da entrevista etnográfica

Para a pesquisa qualitativa [...] o próprio pesquisador é um instrumento ao observar ações e contextos e, com frequência ao desempenhar intencionalmente uma função subjetiva no estudo, utilizando sua experiência pessoal em fazer interpretações. O pesquisador quantitativo faz escolhas metodológicas e de outros tipos com base em parte em suas preferências pessoais, mas geralmente tenta coletar os dados de forma objetiva, e não subjetiva. (STAKE, 2011, p.30)

O desenvolvimento de pesquisas qualitativas tem possibilitado entender, compreender e caracterizar a grande variedade de fenômenos que ocorrem em determinados grupamentos sociais no âmbito de uma dada cultura. Para Flick, “os aspectos essenciais da pesquisa qualitativa consistem na escolha adequada de métodos e teorias convenientes” (2009, p.23) para que possam ser realizadas, como menciona Stake (2011), descrições e interpretações

das ações humanas, levando-se em conta a intencionalidade do pesquisador e dos sujeitos participantes da pesquisa. Na abordagem qualitativa, é necessário compreender de forma adequada os pensamentos, atitudes e discursos dos sujeitos pesquisados a partir das múltiplas interações simbólicas presentes em uma situação ou local determinado. Porém, não é possível sinalizar uma única forma de se pensar qualitativamente.

A diversidade de métodos que pode ser trabalhada dentro da pesquisa qualitativa é enorme, somente no grupo de pesquisa Polifes,² do qual fazemos parte, já foram empregados os mais diferentes métodos, tais como a cartografia (WACHS, 2008), a netnografia (FINCO, 2010) e a entrevista episódica. (BASTOS, 2012) No caso específico da pesquisa desenvolvida com povos indígenas colombianos (BUIRAGO, 2015), usamos o método da entrevista etnográfica como técnica de produção das informações a partir de narrativas individuais que nos permitiram prospectar, compreender e interpretar sentidos específicos de experiências e práticas corporais dos diversos povos indígenas que vivem na comunidade de San Juan de Atacuari.

Para que pudéssemos ter uma ideia sobre o uso da entrevista etnográfica em pesquisas similares a nossa, realizamos uma breve revisão da produção acadêmica pertinente. O material que encontramos nos ajudou a mapear os entendimentos sobre esta técnica na literatura

² O Polifes é um grupo de pesquisa vinculado ao programa de Pós-Graduação em Ciências de Movimento Humano (ESEF) que se dedica a investigar questões relacionadas às Políticas de Formação em Educação Física e Saúde. Abrange temáticas de pesquisa como a cultura corporal de movimento, educação dos corpos, implicação dos preceitos da vida ativa/vida saudável, currículo, práticas corporais em serviços de saúde e programas de promoção de atividades físicas entre outros. Informações adicionais estão disponíveis em: <http://www.ufrgs.br/polifes/?page_id=80> Acesso em: 5 Nov. 2015.

em dois grandes conjuntos. O primeiro entende a entrevista etnográfica como instrumento auxiliar na produção de informações pontuais que necessariamente estão subordinadas ao modo de produção etnográfico clássico. Neste conjunto, destacamos o trabalho de Fino (2008), por meio do qual é possível visualizar uma diferença de *status* da entrevista etnográfica em pesquisas no campo da Antropologia. Para o referido autor, esta técnica é um instrumento de produção de informação subordinado à observação etnográfica, não indo além de um instrumento de apoio à prospecção de informações em um local determinado.

Já o segundo conjunto considera a entrevista etnográfica como um método específico e autônomo de pesquisa qualitativa. “A entrevista etnográfica nos estudos sobre a cultura e as práticas pedagógicas: ‘eu só quero uma escola com professores...’”, de Mattos e Almeida (2006), é um exemplo de artigo que defende esta perspectiva. Por meio desse trabalho, foi possível perceber a influência deste tipo de técnica em pesquisas da área dos Estudos Culturais em Educação. O estudo de Mello e Rees (2011), intitulado “A investigação etnográfica na sala de aula de segunda língua/língua estrangeira”, segue a mesma linha, pois utiliza prioritariamente a entrevista etnográfica para compreender o processo de assimilação dos alunos brasileiros iniciantes em aulas de língua estrangeira. O trabalho de Pizarro (2014), intitulado “La entrevista etnográfica como práctica discursiva: análisis de caso sobre las pistas meta-discursivas y la emergencia de categorías nativas”, também pertence a este mesmo grupo. Nele a autora define a entrevista etnográfica como uma prática discursiva e interpretativa que permite a articulação de “categorias nativas” emergentes da própria conversa, gerando pistas metadiscursivas que ajudam na construção de sentidos do objeto pesquisado. Pizarro mostra como é

possível a organização, a materialização e a interpretação deste tipo de categoria tomando como exemplo uma entrevista realizada na província de Catamarca, noroeste da Argentina.

Para Pizarro (2014, p.466, tradução nossa) “a entrevista etnográfica não é simplesmente uma transmissão de saberes onde somente conta aquilo que foi falado, trata-se de um evento comunicativo construído progressiva e cooperativamente por ambos os interlocutores”. Desta forma, como resultado da prática de coprodução discursiva entre o participante da pesquisa e o pesquisador, vão sendo gerados conjuntos de categorias nativas que orientam o processo de aproximação entre o objetivo da pesquisa e o material empírico prospectado.

Para Guber (2001, p.79-80, tradução nossa) “a entrevista etnográfica requer um alto grau de flexibilidade que se manifesta em estratégias para descobrir as perguntas e para identificar os contextos nos quais as respostas ganham sentido”. Foi por isto que as respostas transmitidas pelos participantes da pesquisa na comunidade de San Juan de Atacuari (BUITRAGO, 2015) desencadearam a formulação de novas perguntas com a finalidade de entender de forma sistemática a empiria de referência a partir da interpretação da fala dos atores. Em outras palavras, o desenvolvimento deste tipo de entrevista no local da pesquisa permitiu a reorganização das perguntas previamente traçadas tendo como base as respostas produzidas a partir das memórias, das vivências e das experiências culturais dos participantes daquela comunidade.

Do descobrimento à prática: procedimentos metodológicos da entrevista etnográfica

Escolhemos a entrevista etnográfica como método principal de pesquisa para desenvolver o trabalho com os povos indígenas amazônicos porque nossa intenção era entender, decodificar e construir uma analítica dos significados atribuídos por estes povos às diversas manifestações corporais próprias dos Ticuna. De acordo com Mello e Rees (2011, p.65), a entrevista etnográfica “é um tipo especial de entrevista que emprega questões visando interpretar os significados culturais que as pessoas vivenciam ao longo de suas vidas”. Desta maneira, e apoiados em Lira et al. (2003, p.59), utilizamos esta estratégia para compreender os “sentidos atribuídos e às experiências dos indivíduos e de seus esquemas interpretativos no que concerne à realidade da vida cotidiana”.

No caso específico da pesquisa em San Juan de Atacuari, a entrevista etnográfica nos permitiu produzir informações detalhadas acerca das vivências e das práticas corporais relacionadas à cultura e à saúde dos povos indígenas amazônicos caracterizadas, principalmente, por saberes e experiências pouco convencionais ao mundo acadêmico. Desta forma, foi possível prospectar os sentidos atribuídos a algumas das manifestações culturais próprias destes povos e os múltiplos significados daquelas práticas corporais para os habitantes da região.

A experiência do processo de produção de dados se iniciou já na viagem que Edwin Buitrago fez desde a cidade de Bogotá (Colômbia) até Leticia (Amazonas), depois de já ter obtido informações e autorizações prévias em contato por *e-mail* com entidades governamentais e privadas daquele país. Para estruturar de forma adequada a produção

de dados disponíveis até aquele momento, foi necessário dividir o processo denominado “percurso geográfico” em três etapas sequenciais.³ Estas etapas foram definidas da seguinte forma:

Percurso Geográfico na produção de dados da pesquisa

Percurso Geográfico	<ol style="list-style-type: none"> 1. Etapa de levantamento documental na cidade de Letícia. 2. Etapa de negociação de acesso no Município de Puerto Nariño. 3. Etapa de imersão na Comunidade Indígena pesquisada.
---------------------	--

Neste percurso geográfico, na primeira etapa (Produção de dados na cidade de Letícia) foi feito o levantamento de informações (quantitativas) existentes sobre a comunidade indígena pesquisada em diversas instituições governamentais e privadas do departamento do Amazonas (Governo do estado, Secretaria de saúde, Secretaria de educação, etc). A segunda etapa foi desenvolvida no município de Puerto Nariño, localizado há quatro horas da capital do departamento. Neste lugar, os dados de viés informacional foram obtidos em duas fases: a primeira por meio do levantamento documental na prefeitura municipal (secretaria de educação, saúde e esportes); e a segunda relacionada às negociações com a Associação de caráter privado que representa diversos povos indígenas habitantes da região.

³ Cada uma das informações descritas se encontra registrada no diário de notas da pesquisa, iniciado a partir do dia da chegada à cidade de Letícia.

Na terceira etapa de produção de dados, logo na chegada à San Juan de Atacuari, o pesquisador de campo foi apresentado pelo Curaca⁴ às pessoas consideradas mais representativas da comunidade: a enfermeira, o gestor de saúde, o inspetor da polícia, e autoridades policiais que cuidam a zona de fronteira com o Peru, com as quais teve os primeiros contatos e informações sobre como as pessoas levavam a vida naquela localidade.

Uma vez instalado, o pesquisador de campo reservou três dias para conhecer a comunidade (localização, infraestrutura, população, atividades diárias, experiências individuais, etc.) e iniciar aproximações aleatórias com seus habitantes para “quebrar o gelo” ou barreira que pudesse haver entre ele e a população local.

Passar oito semanas naquele lugar permitiu ao pesquisador ganhar a confiança das pessoas da comunidade para poder captar elementos como os costumes, as práticas culturais e, fundamentalmente, quem era reconhecido dentro da comunidade pelos saberes que possuíam. Nesse processo de reconhecimento e de interação com a comunidade, foram realizados vários encontros e travados muitos diálogos com os habitantes, a partir dos quais tentava conhecer mais um pouco sobre suas vidas, saberes e experiências. Neste momento, foram indicados simultaneamente pela comunidade alguns habitantes (com uma faixa etária compreendida entre 26 e 94 anos) por possuírem saberes de caráter ancestral (o Xamã, o médico tradicional, o artesão, os que falavam o idioma, os que se envolviam diretamente com atividades próprias da

⁴ Os curacas são os líderes políticos do povo (ou comunidade) indígena frente às diversas instituições municipais, departamentais ou nacionais. Têm como função ser o articulador entre os interesses coletivos e as diversas entidades (públicas ou privadas) para dar solução aos aprimoramentos e necessidades que a comunidade vivencie. No Brasil, são conhecidos com o nome de Caciques.

cultura indígena local), saberes sobre a história do povo local (aqueles que construíram a comunidade, a parteira, contadores de histórias, etc.) ou saberes da sociedade moderna (o professor da escola, o gestor de saúde, o guarda indígena, o operador do gerador de energia, etc.).

No transcorrer deste processo nos foi possível conhecer as limitações reais apresentadas no campo frente ao planejamento teórico-metodológico estruturado inicialmente. Foram realizadas 16 conversas⁵ com aquelas pessoas indicadas pelos moradores da própria comunidade e que foram selecionadas conforme o conhecimento ou saber pelas quais eram reconhecidos. Os encontros para as conversas foram acordados levando em conta duas situações: a primeira relacionada com a disponibilidade de cada um dos indicados (estabelecida em comum acordo com o objetivo de não interferir em nenhuma das suas atividades cotidianas) e a segunda, que dependia especificamente das condições geográficas e meteorológicas da região para o deslocamento do pesquisador de campo até o lugar escolhido pelo participante.

Em três casos foram necessários o acompanhamento dos filhos,⁶ já que alguns dos indicados não falavam espanhol (só falavam sua língua materna); outros pela sua idade corria-se o risco de não entenderem as perguntas, e outros simplesmente porque era muito difícil entender o

⁵ Denominamos o encontro final de “Conversa” porque o termo “entrevista” gerava uma desconfiança inicial pelo fato de que para eles entrevista é um acontecimento jornalístico realizado com pessoas especiais, que sabem mais do que um membro qualquer da comunidade, e só pode ser concedida por quem possui conhecimento escolarizado. Por este motivo, o pesquisador de campo achou mais apropriado usar o termo conversa, já que neles representa um elemento cultural de caráter habitual, no qual é mais fácil falar sobre suas histórias de vida e suas experiências.

⁶ Os filhos compreendiam e falavam, de forma entendível, o espanhol e alguns conceitos escolares básicos que, possivelmente, os pais não entenderiam.

que falavam, já que (desde a perspectiva do pesquisador de campo) eram constantes as misturas entre o espanhol, sua língua materna e palavras que somente existem ou têm significado na região.

Nesta terceira etapa de produção de dados, antes de iniciar a conversa final com cada um dos indicados, o pesquisador de campo colocou em prática o passo a passo do protocolo ético exigido em pesquisas com seres humanos, que estava dividido em três fases importantes:

- A primeira consistia em solicitar a permissão para fazer uso do gravador durante o tempo da conversa (solicitação prévia à conversa).
- A segunda consistia na solicitação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), de forma verbal ou escrita (em alguns dos casos), ao final da conversa, já que muitos dos entrevistados não sabiam ler nem escrever.
- E uma terceira, que consistia na permissão para tirar uma fotografia do colaborador da conversa.

Nenhum colaborador manifestou restrição ao uso do gravador e ao TCLE ao finalizar a conversa. Somente um dos participantes não autorizou ser fotografado, pois de acordo com sua crença, quem se deixa fotografar pode “ficar preso no papel”.⁷

Outro episódio interessante no processo de busca pelo consentimento dos entrevistados ocorreu no momento da solicitação do TCLE para o Wimba,⁸ que se tornou um

⁷ Palavras traduzidas pelo seu filho de acordo com o que o participante da conversa falava na sua língua.

⁸ Em virtude da preservação da identidade, e do bom uso da informação prestada pelos participantes durante a pesquisa, os participantes foram identificados com os nomes dos animais mitológicos oriundos das muitas histórias que cada um deles relatou nas conversas. Mantivemos neste texto o mesmo nome atribuído ao participante na dissertação de mestrado. (BUITRAGO, 2015)

dos participantes da pesquisa devido a sua sabedoria e experiência de vida com diversos povos indígenas amazônicos. Ao lhe explicar as exigências formais que precisamos cumprir no meio acadêmico para desenvolver este tipo de trabalho, ele respondeu o seguinte: “Eu não entendo o mundo acadêmico, você não precisa permissão para falar do que nós falamos aqui” (tradução própria). Respondeu dessa forma porque para ele a permissão estava implícita na própria conversa, pois em sua cultura só se fala para alguém algo que esta pessoa está autorizada a escutar, por isso, estranhou o fato de que falar com alguém, para o mundo acadêmico, não fosse o mesmo que autorizar a escutar. Assim, em respeito a sua crença, a autorização se deu com a própria gravação da conversa.

Tal como havia sido estabelecido antes da viagem do pesquisador de campo a San Juan de Atacuari, as conversas foram organizadas a partir de um roteiro de entrevista semiestruturada, que serviu de referência para os diversos encontros com os participantes da pesquisa. Dada a configuração específica do grupo de entrevistados, foi necessário fazer uma série de adaptações no referido roteiro a cada conversa, pois fatores como a linguagem, a não compreensão de algumas perguntas e o sentido usual de termos, que para o pesquisador tinham outra conotação, geraram perguntas muito mais interessantes para o aprofundamento da lógicaêmica da conversa. Um trecho do diário de notas do pesquisador de campo ilustra bem este processo:

O mais curioso da nossa primeira conversa foi que as perguntas realizadas nas primeiras entrevistas foram modificadas completamente pela necessidade que eu tinha de me aproximar da linguagem usada na comunidade. É por isso que as perguntas planejadas no roteiro foram

repensadas sem levar em conta um padrão específico estruturado, simplesmente as conversas foram desenvolvidas conforme o sentido e o rumo da conversa. É por isto que decidi adotar tópicos ou temas que facilitaram a boa interpretação tanto pelo colaborador como pelo pesquisador. (DIÁRIO DE NOTAS)

Discutindo e implementando

Terminada a produção das informações no campo, foi indispensável realizar a estruturação, organização e sistematização das 16 conversas por meio de um processo de transcrição geral. Este processo considerou a transcrição total das conversas do modo mais fiel possível à conversação original realizada com cada um dos participantes. As transcrições foram adaptadas⁹ e formatadas dentro do modelo adotado pelo projeto “Garimpendo Memórias” do Centro de Memória do Esporte (CEME)¹⁰ da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da UFRGS, com a finalidade de tornar inteligíveis as conversas no momento da leitura. Na perspectiva do pesquisador de campo, essas adaptações não mudaram o sentido nem os significados que os participantes deram a cada uma das conversas. Em busca de maior fidelidade, as conversas foram transcritas somente no idioma espanhol, língua materna do pesquisador de campo e a oficial do país no qual a comunidade indígena pesquisada está localizada, já

⁹ As adaptações foram realizadas levando em conta as necessidades para fazer entendível a leitura e compreensão da conversa. Foram adaptadas palavras que não existem no espanhol, mas que têm sentido e são compreendidas unicamente pelos habitantes indígenas de diversos povos nesta zona geográfica Amazônica.

¹⁰ Informações adicionais estão disponíveis em: <<http://www.ufrgs.br/ceme/site/entrevistas>> Acesso em: 22 Nov. 2015.

que ao tentar fazer a tradução para o português corríamos o risco de que muitas palavras ou sentidos não possuíssem uma tradução específica ou, simplesmente, mudarmos o significado que havíamos captado no momento da conversa.

Para nós, uma das grandes “descobertas” da pesquisa foi justamente o caráter cosmológico atribuído pelos entrevistados às práticas corporais autóctones, em especial os jogos.¹¹ Deparamo-nos com um conjunto de eventos e práticas êmicas que nos abriram os olhos para uma dimensão pouco usual para quem vive conectado ao universo técnico-científico das grandes cidades e imerso no mundo acadêmico. Foi muito interessante notar que o caráter cosmológico está presente tanto nos Jogos Autóctones Indígenas como também nas diferentes esferas da vida comunitária daqueles povos indígenas, entre elas o cuidado com a saúde. E tais “achados” emergiram por meio da entrevista etnográfica, permitindo-nos estabelecer uma rede de relações e acontecimentos durante o desenvolvimento da pesquisa que transcenderam o objeto de estudo próprio daquela dissertação de mestrado.

Levando em conta tudo o que foi produzido por meio da entrevista etnográfica, e para dar conta de processar o volume de dados dentro do foco do estudo, organizamos os achados da pesquisa em quatro etapas processuais visando elaborar uma codificação que permitisse agrupar as diversas unidades de significado que daí emanaram. Estas etapas foram desenvolvidas da seguinte forma:

¹¹ O jogo autóctone indígena apresenta uma dimensão que vai muito além do ato de jogar e de seu sentido meramente lúdico. Ele tem um significado simbólico imerso em uma relação estrutural com o pensamento cosmológico, ponte de conexão entre dois mundos (horizontal – vertical) que dá sentido a uma dimensão inscrita no universo indígena. No presente texto, nosso objetivo não é realizar uma discussão do termo autóctone em relação e os significados que este adquire nas manifestações corporais dos povos indígenas, mas foi desenvolvido de modo mais detalhado na dissertação de mestrado de Buitrago (2015).

Etapas processuais para a análise dos dados

1. **Leitura e releitura das conversas:** Feitas com a finalidade de identificar tanto elementos convergentes quanto divergentes na fala de cada um dos colaboradores da pesquisa.
2. **Interpretação, etiquetagem e rotulação:** Foi necessário realizar uma interpretação geral de cada conversa para, em seguida, “etiquetar” elementos importantes e de valor significativo para a análise final.
3. **Unidades de significado:** Nesta etapa foram criados códigos gerais que aglutinaram de forma específica cada uma das interpretações realizada na etapa anterior.
4. **Composição entre os diversos códigos textuais:** Tais representações são o resultado das convergências e divergências entre associações das diversas unidades de significado.

Como resultado das etapas anteriores, foram geradas 77 unidades de significado gerais que foram agrupadas de acordo com algumas categorias que havíamos considerado importantes para o objetivo da pesquisa como um todo. Nesse processo, fatos relacionados aos temas do corpo, das práticas culturais, das crenças, dos saberes ancestrais e relacionados à saúde emergiram durante as diversas conversas possibilitando, assim, exemplificar de que modo os participantes da pesquisa atribuíam importância à saúde do corpo e do espírito como parte do equilíbrio entre sujeito e natureza.

Embora cada um dos colaboradores tivesse mencionado a importância da medicina tradicional indígena, os remédios ancestrais, as benzedadeiras e as rezadeiras como parte dos usos e práticas para prevenir ou curar doenças do corpo ou da alma, a referência mais interessante foi a

do participante “Wimba”, a quem a comunidade atribuía a melhora, a cura e a sobrevivência de um grande número de pessoas pertencentes aos diversos povos indígenas da região. Tal distinção é fruto de uma configuração ancestral e cosmológica estruturada em um sistema de ritos não reconhecidos cientificamente, que levava as pessoas a vivenciarem seu processo saúde-doença de forma muito distinta do processo medicalizante prevalente na sociedade urbano-industrial. Este tipo de narração traz em si metáforas que só tinham sentido dentro do estrutura de pensamento cosmológico própria dos povos indígenas, que dá suporte de verdade ao relato do participante da pesquisa de que havia sido escolhido pela própria natureza para aprender a cuidar da saúde do seu povo a partir do diálogo constante entre ele, as plantas e os seres mitológicos.

Dos vários depoimentos prestados pelo participante, em um ele conta ao pesquisador de campo como se deu, desde que era criança, o processo de aprendizagem sobre a medicina tradicional indígena, um saber que lhe foi transmitido diretamente das plantas, em especial da “*Madre Wimba*”, árvore com grandes propriedades medicinais da região que, de acordo com a cultura local, possuiu segredos curativos que só podem ser ensinados a pessoas escolhidas pela própria natureza. Esta planta carrega este nome justamente porque é considerada a mãe de várias espécies medicinais por possuir propriedades que, com o auxílio de um xamã e de alguns seres com características mitológicas, curam doenças tanto do corpo quanto do espírito.

[] cuando era pequeño como esos niños (aproximadamente de 9 años) y así se aprende, mirando sus abuelos, así curaban los abuelos entonces aprendí de un palo (planta) de Wimba [] yo le conversaba “hermana de la Wimba, enséñame, yo también quiero sanar y quiero aprender.

Yo no quiero aprender para hacer maldad a la gente, yo quiero aprender”, “vas a aprender no pasa nada” [respondiendo la **madre Wimba**]. Ya pues cuando todos estaban durmiendo y tapados, ya ahí si aprendía. Ya de mañanita, tomar jugo para curar el mal de la gente. Ahí tomé ese jugo y ahí si aprendí. Ahí si aprendí. Ahí le hablaba a mi madre Wimba que vivía en el Perú y me decía “¿que vos quieres jovencito?”, “yo quiero aprender” [respondiendo a la pregunta de la madre Wimba]. “¿Tu quiere aprender?” ¡si! [respondiendo] “ya; en este cachimbo va a soplar, ‘Fhuuuu, Fhuuuuuu’, ya, con eso aprende tú, tú vas a aprender tranquilo, no va decir para otro brujo, otro brujo nada, yo te estoy enseñando porque tu aprender de la madre wimba”. [] Tu ser curandero, ahí va a vivir, ahí va a sanar solito, todas las noches a oscura, oscura, oscura, vas a curar tú, ahí vamos a vivir no morir, ahí va a llegar gente, se sana y se va, otros vienen y se sanan otros se van. Así me conocen por el rio, así me conocen, si usted acredita en mí, usted viene y ahí lo curo. Ahí ya viene y ahí ya está curado, ya está sanado. [] con el ojo aquí, eso no se necesita la boca sino pa remedios nomas, yo busco remedios con los ojos, solo busco la planta ella me dice como curar, con eso cura, con eso va a sanar, así es. (WIMBA). Yagua.

No depoimento anterior, é possível perceber que a escolha por aprender este tipo de saber se dá a partir da crença e da relação do participante com as plantas medicinais, neste caso com a “*Madre Wimba*”. É a partir desse diálogo e da interação direta com esta espécie da flora amazônica que é possível, no entender do entrevistado, a

transmissão de saberes específicos mediante rituais com bebidas tradicionais em locais específicos, proporcionando assim um conjunto de experiências sensoriais, cosmológicas e de cura que dão sentido às práticas de saúde reconhecidas pelos povos indígenas habitantes daquela região.



Fotografia I (Edwin Alexander Canon Buitrago) – Artesanato local: representação da transmissão de conhecimentos das plantas e animais ao ser humano.

Neste contexto, passa a ser relativamente fácil entender que o sentido atribuído à saúde não é unívoco, justamente porque lá a saúde se constitui por meio de uma simbologia que polariza as diversas possibilidades de cura a partir de tradições cosmológicas, entre as quais se encontram os saberes curativos da natureza transmitidos a

peças com capacidade de manter a tradição. Por isso que é muito importante prospectar o sentido atribuído aos modos de vida que persistem naquele espaço, pois na medida em que o campo da saúde (nesta perspectivaêmica) demanda uma escuta de entendimento cosmológico diferenciado no processo saúde-doença, as pessoas interatuam neste processo de forma direta por meio de ritos, práticas corporais e saberes que construíram no próprio território.

Comentários finais

Diante das circunstâncias para a negociação de acesso, do tempo disponível para o desenvolvimento da pesquisa e dos achados junto à comunidade indígena de San Juan de Atacuari, a entrevista etnográfica acabou se tornando uma ferramenta importantíssima para a produção de um tipo de analítica sobre a temática dos jogos autóctones que foi além do simples cotejamento das informações prospectadas no campo com a produção disponível na literatura específica.

A entrevista etnográfica como técnica de coleta das informações nos permitiu captar significados que circulam entre os sujeitos daquela comunidade que de outro modo muito provavelmente não nos seria possível, especialmente no que se relaciona às vivências dos participantes da pesquisa com a cultura corporal de movimento dos povos indígenas Amazônicos. A partir dos resultados obtidos neste estudo, chegamos à conclusão de que este tipo de método de pesquisa qualitativa nos permite visualizar de uma forma mais pontual, porém não menos profunda, os sentidos atribuídos às práticas culturais de uma comunidade da qual não temos nenhum conhecimento ou um conhecimento muito periférico. É por isto que a implementação e o uso da entrevista etnográfica em pesquisas desenvolvidas em

um curto espaço de tempo dentro do campo da saúde, especialmente com povos indígenas, pode vir a ser bastante relevante, pois a partir das diversas conversas travadas por meio desta técnica nos foi possível captar a importância da cosmologia nas práticas culturais, entre as quais o cuidado em saúde, dos povos indígenas daquela região.

No que se refere especificamente ao cuidado em saúde, foi muito interessante poder perceber em um dos relatos captados pela entrevista etnográfica a diferença entre as formas de conceber, atuar e tratar a saúde sob o ponto de vista indígena e sob o ponto de vista técnico-científico-medicalizante. Evidentemente, tal comparação não tem por objetivo estabelecer um juízo de valor sobre culturas tão distintas, mas proporcionar uma abertura a formas de produção de saúde pouco conhecidas e com alto potencial de conexão entre sujeito e natureza, que podem reforçar um conjunto de práticas alternativas e complementares à medicina ocidental tradicional e trazer elementos que ajudem a compreender o processo de saúde-doença como uma conjunção de fatores ligados às diferentes formas de viver, praticar e reconhecer o mundo ao qual fazemos parte.

Referências

BASTOS, P.A.P. **Legados do ensino do esporte na escola: um estudo sobre o que professores de educação física pensam em deixar para seus alunos ao final do ensino médio**. 2011. Dissertação (Mestrado) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2011. Disponível em: < <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/36109>>. Acesso em: 9 nov 2015.

REES, D.K.; MELLO, H.A.B. A investigação etnográfica na sala de aula de segunda língua /língua estrangeira. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n.42, 2011.

BUITRAGO, E.A. **Jogos Autóctones Ticunas na Perspectiva dos Povos Indígenas da Região Amazônica Colombiana**. 2015. Dissertação (Mestrado) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2015. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/115474>> Acesso em: 9 nov 2015.

FINCO, M. **Wii fit: um videogame do estilo de vida saudável**. 2010. Dissertação (Mestrado) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2010. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/26737>> Acesso em: 9 nov 2015.

FINO, C.N. A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais. In: ESCALLIER, C.; VERÍSSIMO, N. (Orgs.). **Educação e cultura**. Funchal: DCE – Universidade da Madeira, 2008.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: [s.n.], 2009.

GUBER, R. “La entrevista etnográfica” o “el arte de la no directividad”. In: **La etnografía, Método, campo y reflexividad**. NORMA, Argentina, 2001.

LIRA, G.V. et al. A narrativa na pesquisa social em saúde: perspectiva e método. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, Fortaleza, v.16, n.1-2, p.59-66, 2003.

STAKE, R.E. **Pesquisa Qualitativa. Estudando como as coisas funcionam**. Tradução: Karla Reis. Porto Alegre, Penso, 2011.

MATTOS, A.C.P. A entrevista etnográfica nos estudos sobre a cultura e as práticas pedagógicas: “eu só quero uma escola com professores...” **Anais da 58ª Reunião Anual da SBPC**, Florianópolis, jul. 2006.

PIZARRO, C. La entrevista etnográfica como práctica discursiva: análisis de caso sobre las pistas meta-discursivas y la emergencia de categorías nativas. **Revista de Antropología** – USP, São Paulo, v.57, n.1, p.462-496, 2014.

WACHS, F. **Educação física e saúde mental: uma prática de cuidado emergente em centros de atenção psicossocial (CAPS)**. Dissertação (Mestrado) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2008. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/14069>>. Acesso em: 8 nov 2015.

SOBRE OS AUTORES

Alessandra Xavier Bueno: Graduada em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Especialista em Saúde Mental Coletiva e Mestre em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Membro do Grupo de Pesquisa Rede Interstício - Rede Internacional de Políticas e Práticas de Educação e Saúde Coletiva. Membro do POLIFES - Grupo de Estudos e de Pesquisa Políticas de Formação em Educação Física e Saúde.

Alessandro Rovigatti do Prado: Bacharel em Educação Física pela Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (EEFE/USP). Mestrando pelo Programa de Mestrado Profissional Interunidades “Formação Interdisciplinar em Saúde” pela Universidade de São Paulo. Graduando em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). Atua como *personal trainer*.

Alex Branco Fraga: Professor Associado da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Editor-chefe da *Revista Movimento*. Coordenador do POLIFES - Grupo de Estudos e de Pesquisa Políticas de Formação em Educação Física e Saúde. Assistant Professor (Status-Only) of Faculty of Kinesiology & Physical Education of University of Toronto.